

Espera em três tempos

Noemi Moritz Kon

Na parede do consultório, a reprodução de uma tela... Esta imagem desempenhará um papel na análise da paciente, entretecendo-se na sua realidade psíquica.

“Costumávamos representar as coisas visíveis do mundo, coisas que gostávamos de ver. Agora, nós revelamos aquilo que fundamenta a realidade das coisas visíveis e isto expressa nossa crença, nossa convicção, de que a realidade visível é meramente um fenômeno isolado e que é circundada por outras inumeráveis realidades, que são as realidades invisíveis. Estas últimas dão conta da vastidão e têm uma significância mais variada e, frequentemente, aparentam estar em contradição com a experiência racional. Vem daí a tendência para comprimir este elemento do essencial no que se chama de acaso”.

Paul Klee, *Modern Painting*¹

Segundo tempo - “tempo para compreender”²

Bem que procurei... Busquei-o, insistentemente, no material que tinha a meu alcance, mas nada encontrei. Não tinha, em minhas mãos, aquela obra específica de Klee. Fiquei bastante surpresa: era tão presente em mim, mas a haviam esquecido nos livros de referência.

Tenho-a, agora, como imagem, fixa em meus olhos, guardada em minha lembrança... resta-me dela um rosto quebrado, cortado por duas linhas ortogonais, em um tom esverdeado claro, como em pastel... dois olhos abertos, sem pupilas, como duas elipses que se afilam para os lados. Não tenho certeza se desiguais... mas sei

que cada qual fazia suas indagações. Ambos interrogativos, algo loucos, perturbados... de toda forma, me perturbavam ao me observarem sempre. Não me lembro muito mais do que de seus olhos, não tenho guardado o formato de sua boca, nem o de outros componentes de sua face.

Procurava reencontrar uma reprodução da imagem que via na sala de espera de minha análise.

Havia me esquecido desta figura até bem pouco

Noemi Moritz Kon (Noni) é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e mestranda em Psicologia Social no IPUSP. Este texto foi escrito, originalmente, no ano de 1993. A redação final, retrabalhada e acrescida da última parte, foi realizada em agosto de 1995.

tempo, não me lembrava nem mesmo de tê-la tido. Ao me distanciar de minha análise, fui me afastando também da imagem, ou nem mesmo a guardei como algo em mim, como uma relação a ser desfeita.

Foi há cerca de um ano, quando resolvi entrar em contato novamente com minha analista, depois de um longo intervalo, que reencontrei esta tela. Não havia me despedido da figura, não havia nem mesmo me lembrado dela ao decidirmos pelo fim da análise. Apenas fui embora.

Retomei esta relação, justamente, no momento em que buscava a pós-graduação, para realizar um desejo de estabelecer algum tipo de parentesco entre arte e psicanálise, através de um texto. Tivemos, então, um breve contato:

Sua visão, tal como eu a tenho, não seria mesmo possível para mais ninguém.

apenas dois encontros onde aparamos arestas, dissemos algo do que não foi dito, ou mesmo, falamos do que, até então, não tínhamos sons para nos referir... encontramos para nos despedir.

Foi então que ao vê-lo, neste novo contexto temporal e espacial, me reencontro, me lembro, deste meu companheiro de espera, ainda na espera. Relembrei-me dele com surpresa e alegria; havia mesmo me esquecido da figura. E houve força

nesse encontro... ainda com aqueles grandes olhos a me perscrutarem, mas não mais para tirar de mim aquilo que eu não conhecia, agora, com mais ternura, como amigos, em um reencontro cheio de saudades. Ele não parecia reclamar por não ter sido guardado em minha memória, ainda me queria.

Surpreendo-me, agora, com esta lembrança; como é que poderia tê-lo esquecido?

Os tempos eram mesmo outros; tinha em mim novidades, novos ares, talvez, menos medo. Houve como que um abraço, aproximei-me dele com interesse e perguntei também a ele. E diferente do que acontecera antes, pude tê-lo e guardá-lo como imagem.

Lembro-me de que uma das primeiras coisas a que me referi quando falava com minha analista, nesses dois reencontros, foi, justamente, a surpresa de tê-lo revisto e assim ter me lembrado de meu companheiro de espera. Falamos alguma coisa a respeito, não tenho guardado exatamente o que; talvez apenas da surpresa de tê-lo esquecido. Naquele momento, era como se dela resvalasse também a "posse" daquela figura, atrelada a ela, no local de espera ao qual ela me destinava. Da analista certamente não tinha me esquecido, não havia me separado... e talvez, ela pudesse dizer o nome da tela, para que outros pudessem, depois, identificá-la. Mas, nem mesmo sei qual a importância disto... pois, agora, não me esqueço mais daquela imagem, guardo-a em mim, sempre presente; e sua visão, tal como eu a tenho, não seria mesmo possível para mais ninguém.

Foi na escrita deste depoimento que pude me dar conta da importância desta imagem em minha análise. Não sei se ela a simboliza, ou se guarda em si, no olhar que promove, o sentido do que experimentei ao provar a experiência psicanalítica. Sei, contudo, que se existe uma visão desta experiência ela se conforma neste quadro.

A posteriori pude, então, reescrever uma história, que foi tecida sem que dela pudesse me dar conta.

Primeiro tempo - "instante do olhar"

Impossível deixar de vê-lo. Aguardando ser chamada, na espera, meus olhos eram tragados por aquela imagem. Colocado na parede em frente ao sofá onde me sentava, sua presença pairava como a de um ícone sagrado dentro de um templo: seu olhar era onisciente como o de um deus.

Era lá que eu aguardava ser recebida. E em momentos de espera, na espera, parece que o tempo se multiplica e que o espaço se abre. As ansiedades se avolumam, as fantasias nos assolam. Onde tudo parece çaber, por nada preencher... Estávamos ambos lá; ele sempre na espera, eu mantida neste estado por um lapso temporal.

Bem que o procurei (e ainda o procurarei)... um daqueles *posters* que se adquire após uma visita a um museu, no desejo de guardar um resto do que foi nossa visão. Mas parecia ter vindo de um museu do exterior, daqueles que visitamos durante uma viagem, e que pretendem guardar a história, parar o tempo. E, apesar de parecer ter vindo de longe, tenho-o em mim, sinto-o em mim, sempre me olhando... mas ele ainda permanece, ao mesmo tempo, como que pertencente ao fora; sua presença guarda o que parece vir de outro lugar. Estranho a mim, mas estranhamente familiar.

Fizemos, então, nossa história. Nos primeiros encontros aguardávamos envoltos em uma espera angustiada, ainda sem códigos. Estava em minha procura de análise. Não sabia o que acharia através desta busca e me encontrava lá, aguardando, no desejo de falar com uma outra a quem me propunha meus mais íntimos segredos, secretos também para mim.

Tudo era terrivelmente novo e aquele semblante me lembrava disso, era também isso. Sentia-me interpelada, na verdade, nua mesmo, fugindo daquele olhar que me pegava desprevenida. Mas, naquela espera, acabávamos por trocar olhares. Começava, eu também, a poder fixar seus olhos cegos; me enredava, então, em seu olhar e fazia deste meu olhar também. Mas temia aqueles olhos, como se suspeitasse que eles retirariam de mim o que não tinha.

O tempo passava e já nos encontrávamos naquele mesmo local por algumas vezes. Alguma intimidade nos ligava.

Em alguns dias a espera não era repartida, ao menos não com esta figura. Outros estavam na sala e era com eles que eu conversava. Não dava atenção à tela; sabia-a lá, sentia seu olhar sobre mim, mas não me arriscava a tê-la. Bastava-me, ou melhor, era suficiente sofrer sua brusca procura sobre mim. Esquecia-me, ativamente, de vê-la; não queria, também, olhar para mim.

Outras vezes, não estava ali para aguardar... ocupava, então, meus olhos com alguma leitura, dispunha meu olhar para pensamentos de outros. Negava-me afirmativamente a ela... mas como por reverência, ou na tentação mesmo, deixava escapar uma espiadela; meus olhos alcançavam os seus por um átimo. Admitíamo-nos presentes.

De início, não sabia quem era aquela figura; não sabia a que corpo e de que mão teria surgido aquele semblante, quem teria admitido seu nome naquela tela, quem também falava comigo e me via, através dela. Aproximei-me dela e li: Klee. Aquele nome tinha uma sonoridade que não me era desconhecida, mas até então só tinha para mim esta imagem, esta única face. Gostei do som que dela ouvia. Sabia-o conhecido, notório mesmo, mas antes de tê-lo ligado a esta imagem, seu nome me teria soado melhor. Visão e som, agora, se somavam, ecoavam em uníssono dentro de mim.

Imagino ter comentado, então, com a analista a respeito daquela tela, daqueles grandes olhos, daquela estranha visada, e ela poderia se identificar com aquela imagem. E seria mesmo possível... dela também recebia aquele olhar, aquela interrogação. Mas nossa relação era diferente, permeada de palavras, de possíveis significações, de esclarecimentos... Lá, na sala de espera, não precisávamos de palavras; lá, era suficiente aquele único e mesmo som, que circulava em mim como uma espécie de mantra.

Aquela imagem passara a ser o testemunho de minha crença no silêncio, nos significados que aparecem e somem, no pequeno poder das palavras, na troca evocativa num reino do indizível... talvez apenas audível. Aquela tela servia de garantia da possibilidade de outro saber, de um saber que se produzia por sua presença, e em sua presença, em função do que pode aparecer na suspensão da distância com o outro, em um emaranhamento no mundo. Era como se ela me permitisse uma compreensão imediata, um *flash*, um entendimento que não poderia ser traduzido em fala. Assujeitada, assim, ao objeto escolhido e dependurado por outra, era, agora, escolhida e acolhida, como que em uma visita secreta, como que em uma outra análise, através de um outro contato, lateral.

*

Não encontrei, ainda, uma reprodução na qual outros pudessem lançar seus olhos; mas, certamente, a visão deste quadro não resolveria a questão, pois veríamos coisas diferentes. A tela agora está em mim, carrego-a sempre me observando, como se fosse eu também a me observar, observando-a de dentro, nos tendo. Mas permanece esta estranha sensação de exterioridade.

Esta tela de Klee tornou-se a imagem de minha espera, de minha paciência, de meu encontro. De

minha análise, ela é também o fruto e a matriz. Mas não como representação, talvez como que em um contato com o que parece vir de outro lugar, de um mundo invisível e de muitos ruídos, que se permitiu nesta visão. Esta figura serve como um catalisador de imagens e, por sua densidade, tem força de um bigo, de abismo, de infinito.

Imagem, pura imagem.

Por sua posição de testemunho foi dela de quem não me despedi, não me separei. Encarnamo-nos; sou sua carne e ela minha visão. Visão, símbolo ou imagem, condensação de minha história analítica.

Aquela tela servia
de garantia para a
possibilidade de um
outro saber.

No acaso, pelo acaso, nos cruzamos. Por escolha nos unimos, nos sobrepusemos, sem nos perder como um. Ela, outra, está em mim e é também eu, como dela sou fruto. Fruto de uma análise feita, trabalhada também em sua presença e por sua presença. Traz, na crença de seu olho cego, sem pupilas, o mais profundo olhar que poderia dedicar a mim: testemunha fiel de minha espera.

*

Não há aqui qualquer intenção de tecer uma crítica da obra de Klee, nem tampouco desta única tela; talvez o que eu tento decantar,

através deste depoimento, seja apenas aquilo que os estetas chamam de experiência estética; uma experiência que vê nascer da mão do pintor, em seu gesto, o que não teria existência, nem realidade, sem seu fazer. Ou, como diz o filósofo Maurice Merleau-Ponty: quando “o pintor retoma e converte justamente em objeto visível o que sem ele permaneceria encerrado na vida separada de cada consciência: a vibração das aparências que é o berço das coisas. Para este pintor, uma única emoção é possível: o sentimento de estranheza; um único lirismo: o da existência incessantemente recomeçada”³.

Não é mesmo de arte que falo, mas do contato com ela e de seu parentesco com a psicanálise. Psicanálise que também é um gesto de criação de novas realidades, de conformação de novas visões, que sem sua presença não teriam vida. Aqui, esta experiência concretizou-se no contato com esta obra, numa relação insólita, literalmente vizinha à minha análise, pousada na visão de uma tela, na verdade de uma reprodução, ou melhor ainda, naquilo que restou em mim de um olhar, agora tornado lembrança.

Não tenho claro se a importância da pintura de Klee, por ser ela tão pungente e inspiradora, se essa característica teria tido mesmo um papel primordial nesta relação, para mim, tão marcante. Esta tela não é nem mesmo a mais representativa do trabalho de Klee. Não tive a preocupação de fazer esta ligação; não quis ou não pude. Não é mesmo esta a questão. Certamente, se tivesse visto esta imagem em um outro lugar que não o de minha análise, teria tido dela uma outra impressão. Ative-me a minha experiência analítica-estética, ampliada para a nossa, aqui através deste texto. O fato é que esta imagem, colocada no lugar de espera de minha análise, concretizou-se como visão de meu processo analítico, guardando a dolorosa sensação de um encontro definitivo

que nunca se dá, e pelo qual estamos sempre à espera. Ela operou como um imã imagético, fazendo com que os sentidos que pude decifrar em mim se aglomerassem, então, nesta visão: visão de estranhamento, de paradoxal distância e proximidade, frente a mim mesma.

Tenho, agora, uma pequena reprodução da tela. Encontrei-a e, enfim, creio que foi melhor assim. Seu nome é *Senecio* e é datada de 1922. Tendo-a, agora, sob meus olhos, percebo que tem um outro tom predominante, o alaranjado, mas que seus olhos apresentam o mesmo verde com o qual eu havia recoberto todo o fundo da tela. Suas íris são alaranjadas, ainda sem pupilas. Mas, ao reencontrar-me com a materialidade da tela, sinto-me como que excluída de minha memória. Reconheço, com susto: lembrava-me de outra coisa.

Penso, então, na obra mesma, e naquilo que ela provoca, no que dela emana e o que dela faz transformar aquele que se põe junto a ela. Sua imagem, ou o que dela pude ver, ou guardar, deram-me também o sentido de minha análise.

Penso então
naquilo que ele
provoca, o que faz
transformar quem
se põe junto a ela.

Transformei-me por sua presença e, da mesma forma, transformei-a. Mas a tela que já era outra, agora, justaposta, torna-se, mais uma vez, diferente. E nunca mais será a

mesma. Não sei se conseguirei restituir a mim o que dela mantinha na memória; as novas cores agora me tomam.

Mas insisto, prefiro o verde que tinha em minha lembrança. *Senecio* me perdoe, Klee me perdoe... fizemos de nós outra coisa.

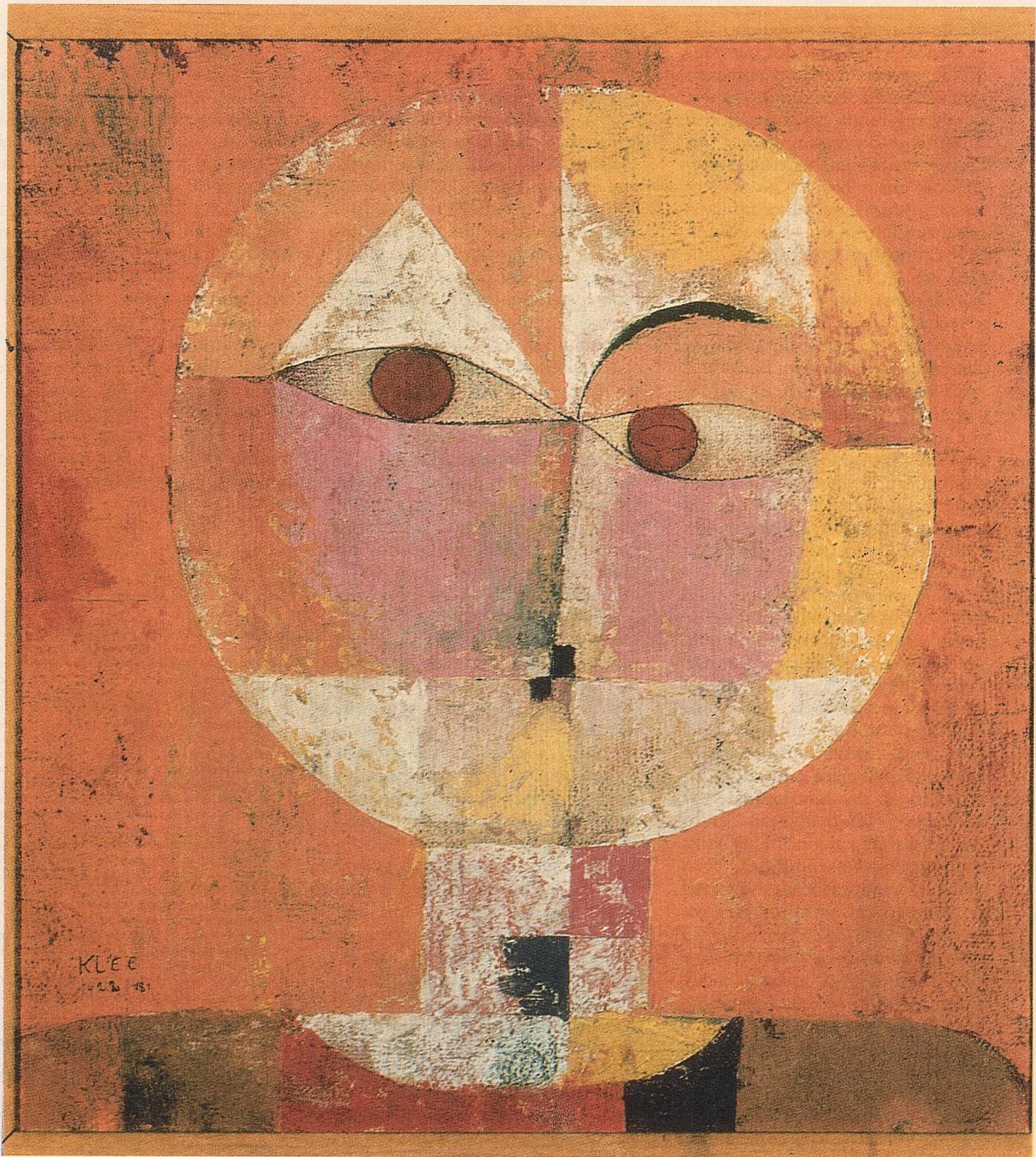
Terceiro tempo - “momento de concluir”

Alguns anos se passaram desde que tive esta experiência e, de certa forma, sinto-me hoje um tanto distante dela; se guardo ainda uma relação especial com esta obra é mais pela lembrança de estranhamento que me tomou naquele momento, do que por sua força mesma. Na época, tive uma enorme dificuldade de encontrar uma reprodução de *Senecio* que não fosse aquela afixada na sala de espera de minha análise. São as regras do acaso... tive, depois, inúmeras oportunidades de encontrar reproduções desta tela da forma mais casual possível, sem procurá-las. Hoje, esta obra parece-me mais habitual, não permanece presa à relação especial que mantinha em análise. É como se sua presença se alargasse por ser, agora, permitida e menos comprometedora. Mas seu encanto permanece, talvez mais por força da memória do que por sua visão. A transferência também com ele foi diluída. Agora, relacionamo-nos mais como velhos amigos ou como antigos namorados.

E talvez seja importante poder constatar que esta relação foi estabelecida, ou ao menos reconstruída a posteriori, na elaboração desta narrativa que agora termino como que em um terceiro tempo.

E, certamente, já sou outra; outra outra do que me tornei pela presença da visão que *Senecio* me permitiu.

Aquela relação de ingenuidade frente à visão de uma imagem que para mim ainda não trazia a marca de sua origem já se perdeu. Desde então, tive oportunidade de me



KLEE
1992 B.

Paul Klee, *Senecio* (1992)
Óleo sobre tela, 40,5 x 38 cm
Öffentliche Kunstsammlung, Basileia, Suíça
Foto: Martin Bühler (O.K.B.)

aprofundar nas contribuições da estética e, ao ler os textos que Klee deixou, novamente me surpreendo com a estranha sensação de que eu, de alguma forma, já os conhecera através da visão desta única tela sua. Impressionante, também, é ter reconhecido nos olhos de *Senecio* os mesmos olhos de seu autor, tal como eles aparecem em seus auto-retratos.

“Os quadros nos olham”, disse Klee em 1924⁴. “O artista é talvez filósofo sem o saber... Quanto mais seu olhar penetra nas coisas, tanto mais se impõe ao artista, no lugar de uma imagem da natureza acabada, a única imagem importante da criação: a gênese”⁵. O olhar de Klee, aquilo que sua visão depositou em imagem através de seu gesto, me penetraram e permitiram, também, que meu olhar se tornasse outro. E desta mesma forma eu os transformei, os reconstruí e tornei-os outros através de minha interpretação, de minha fala.

E é também da gênese que tratamos em psicanálise: gênese de novos sentidos, da criação do que, sem sua presença e seu olhar, não teria existência. “Permitam-me recorrer a uma parábola, a parábola da árvore. Tomemos um artista”, diz Klee, “bem orientado no mundo e na vida de maneira a poder apreciar a ordenação dos fenômenos e experiências. Esta orientação dentro das coisas da natureza e da vida, esta ordenação complexa, com múltiplas ramificações, eu gostaria de compará-las às raízes de uma árvore. A partir daí, a seiva avança pelo artista a fim de atravessá-lo, a ele e a seu olho: ele assume, então, a função do tronco. Pressionado e agitado por este fluxo poderoso, o artista transmite a sua obra o que viu. E a obra, como o cimo da árvore, desdobra-se no tempo e no espaço. Ninguém exigiria da árvore que ela formasse sua copa à imagem de suas raízes... (...) Tal qual uma árvore, o artista não faz nada além do que recolher e transformar as forças que surgiram das profundezas. Nem servir, nem dominar,

somente transmitir. O artista tem uma função verdadeiramente modesta. Ele não é a beleza do cimo; esta apenas passa por ele...”⁶.

“A arte não reproduz o visível, faz visível”, disse Klee em *Confissão Criadora*⁷. É desta mesma forma que experimentamos o fazer psicanalítico... a experiência psicanalítica não desoculta, ela é construção, permite que assistamos, então, a gênese da visão, ou melhor, a gênese da escuta. Parodiando Klee: a psicanálise não reproduz o audível, faz audível.

Andrea Bonomi diz: “O gesto do pintor, as linhas e as cores que ele põe na tela, não são uma reprodução, nem o decalque de uma fisionomia do mundo já constituída, mas me restituem, ou melhor, são a articulação originária, graças à qual há para mim um mundo, um campo de experiência sempre aberto, sobre o qual se destaca o percebido. Na experiência cotidiana, a visão me dá *objetos*, coloca diante de mim uma exterioridade, uma alteridade que eu pareço não ter construído, separada do próprio operar; no gesto do pintor, pelo contrário, assiste-se a esta gênese: as coisas - as linhas, as luzes, as sombras e os horizontes que formam estas coisas - tomam corpo sob a mão do pintor, e a visão torna-se visão operante. Ela não é mais um espetáculo, é um *fazer*”⁸.

A escuta psicanalítica, seguindo Bonomi, é também uma escuta operante, que não reproduz uma fala-mundo constituída desde antes, de um sentido já estabelecido. Esta escuta não está à espera de um espetáculo, ela é um fazer. Os sons e os silêncios, as diferenças e os ruídos, articulam-se em mim e para mim, também enquanto um campo de experiência múltipla. A operação psicanalítica coloca-nos, então, de frente, não com a alteridade do que tem sua história acabada e soterrada, mas sim com a gênese da criação de sentidos virtuais. O gesto do pintor, a visão que ele nos permite, tornam-se então emblemáticos de nosso fazer.

*

“... E a agitação de alegria no peito de Cosme não era, porém, muito diferente de uma agitação de medo, por ela ter voltado; tê-la sob os olhos tão imprevisível e orgulhosa, podia significar não contar mais com ela, nem na lembrança, nem mesmo naquele secreto perfume de folhas e cor da luz através do *verde*; podia significar que ele teria sido obrigado a fugir dela e assim deixar fugir também a primeira recordação dela criança”⁹.

“Conheceram-se. Ele a conheceu e a si próprio, pois na verdade jamais soubera quem fosse. E ela o conheceu e a si própria, pois, mesmo já se conhecendo, nunca pudera se reconhecer assim”¹⁰.

NOTAS

1. Klee, Paul (189-1940) - in *Modern Painting*, Skira, A. (org.), Genebra, Editions d'Art Albert Skira S.A., 1953. Minha tradução. Paul Klee foi pintor, desenhista, escritor e professor suíço. Participou, em 1911, do grupo artístico moderno alemão *Der Blaue Reiter* (O Cavaleiro Azul), e entre 1921 e 1926 trabalhou na *Baubaus* como artista e professor. Klee é tido pelos críticos como um dos mais ecléticos pintores modernos; sua obra não pode ser considerada nem figurativa nem abstrata. Combina, em suas telas, elementos tão diversos como a arte pré-colombiana, a tapeçaria persa, a caligrafia chinesa, o mosaico bizantino, o racionalismo geométrico, a arte *naïve*, o traço infantil, a arte fantástica e a dos doentes mentais. Seus textos mais importantes sobre a teoria da arte são: *Opensamento artístico* (1920), *Caderno de esboços pedagógicos* (1925), e sobretudo seus diários.
2. Utilizaremos aqui a modulação do tempo tal como a oferece J. Lacan em seus *Escritos*: “o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir”. Lacan, J., *Escritos*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1988, p. 76-83.
3. Merleau-Ponty - “A dívida de Cézanne”, in *Merleau-Ponty. Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1981, p. 120.
4. Conferência de janeiro de 1924 em Iéna, citado por San Lazzaro, G. di, in *Klee, la vie et l'oeuvre*, Paris, Fernand Hazan, 1957, p. 131.
5. Conferência de janeiro de 1924 em Iéna, citado por San Lazzaro, op. cit., p. 141.
6. Conferência de janeiro de 1924 em Iéna, citado por San Lazzaro, op. cit., p. 132-133.
7. Klee, P. - “Schöpferische Konfession”, in *Tribune der Kunst und Zeit*, vol. XIII, 1920. Citado por Geelhaar, C., in *Paul Klee et le Bauhaus*, Suíça, Editions Ides et Calendes, Neuchâtel, 1972, p. 26.
8. Bonomi, A. - *Fenomenologia e Estruturalismo*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974 p. 40.
9. Calvino, Italo - *O barão nas árvores*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 180.
10. Calvino, Italo - op. cit., p. 185.